

ILÍDIO DO AMARAL

SANTIAGO DE CABO VERDE
A TERRA E OS HOMENS

ASSOCIAÇÃO DAS UNIVERSIDADES DE LÍNGUA PORTUGUESA
CENTRO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA TROPICAL
UNIVERSIDADE DO ALGARVE
UNIVERSIDADE DE CABO VERDE

2007

MEMÓRIAS DA JUNTA DE INVESTIGAÇÕES DO ULTRAMAR

N.º 48

(SEGUNDA SÉRIE)

SANTIAGO DE CABO VERDE

A Terra e os Homens

ILÍDIO DO AMARAL



LISBOA—1964

P R E F A C I O

Numa recensão da última tese de doutoramento em Geografia pode ler-se: «É a quarta ilha do Atlântico cuja monografia nos é oferecida pela escola geográfica portuguesa» (DAVEAU, 54). Trata-se do estudo de Francisco TENREIRO, *A Ilha de S. Tomé* (1961), precedido dos livros de Orlando RIBEIRO, *L'Île de Madère* (1949) e *A Ilha do Fogo e as Suas Erupções* (1954), e de Raquel SOEIRO DE BRITO, *A Ilha de São Miguel* (1955). Como é natural, dada a afinidade do assunto, foi a monografia de Orlando RIBEIRO a que mais tive presente ao elaborar este trabalho.

Que *Santiago* não desmereça o lugar que vai ocupar na linha de estudos apontada e que possa, ao lado do *Fogo*, servir o arquipélago de Cabo Verde e trazer elementos que ajudem a solução de alguns dos seus problemas.

Como adjunto da Missão de Geografia Física e Humana do Ultramar (criada pela Junta de Investigações do Ultramar e dirigida pelo Prof. Orlando Ribeiro) permaneci na ilha de Santiago cerca de seis meses, distribuídos em duas campanhas, em 1961 e em 1962. Através de um trabalho intensivo, em que não me poupei a esforços e canseiras, consegui reunir grande soma de elementos, colhidos no campo, em numerosos relatórios consultados, em bibliografia dispersa por bibliotecas e arquivos. A ilha foi percorrida diversas vezes, em itinerários a pé, de carro ou de montada, observando os seus aspectos, quer físicos quer humanos, com o maior cuidado. Apesar da escassez de tempo, apenas certos pormenores ficaram por ver, e tive ocasião de abordar todos os problemas que uma observação minuciosa suscita.

Esta obra não poderia ser escrita se não tivesse recebido a ajuda de tanta gente que me guiou, recebeu e acarinhou, em Santiago, em S. Vicente, na Brava, no Fogo, juntou informações, pôs

são Executiva, engenheiro Carlos Krus Abecasis, e Vice-Presidente, Dr. Raimundo Brites Moita, e também ao Dr. Florentino Cardoso todas as facilidades que encontrei.

A Humberto Avelar se deve todo o acabamento da ilustração, à qual dedicou muitas horas, com a habitual competência e excelente espírito de colaboração. José Garcês aperfeiçoou especialmente as perspectivas dos meus esbocetos de campo.

A Rita da Fonseca e António Agostinho, a António Machado Guerreiro e Henrique Pires agradeço os cuidados que puseram na dactilografia dos meus manuscritos e na revisão das provas tipográficas.

Lisboa, Janeiro de 1964.

2. A pesca

Uma parte fraquíssima da actividade no litoral da ilha é consagrada à pesca. Os pescadores inscritos contam-se por menos de uma centena (75 no ano de 1952) e não é maior o número de pequenas embarcações de 5 a 6 m de comprimento, estreitas e baixas (est. LV-B e LVI-A), impulsionadas por dois remadores e com uma pequena vela, utilizada quando há ventos de feição. A pesca é uma empresa privada, geralmente individual, de rendimento muito baixo. Tudo é caro, desde o barco construído por artífices locais (est. LV-A), que cobram cerca de 1000\$00, às redes (est. LVI-B e LVII-A) manufacturadas pelos próprios pescadores com fio importado do exterior. Uma rede de saco com 60 braças por 6 braças chega a importar em 6000\$00; leva uns vinte panos, ao preço médio de 300\$00, valor dos novelos de fio neles empregados. Ao fim de um ano de trabalho começa a necessitar de remendos, por vezes mesmo de substituição de um pano rasgado pelas arestas dos materiais rochosos do fundo do mar.

De madrugada, muitas vezes ainda de noite, os pescadores partem nas pequenas embarcações para o largo, onde permanecem até cerca do meio-dia, quando começam a regressar para descarregarem na praia o peixe apanhado. Aí os esperam mulheres e crianças que os ajudam a varar os barcos em terra; mesmo na praia se faz a partilha: duas partes para o patrão do barco e uma parte para os auxiliares, normalmente em número de dois, e logo começa a venda. Os peixes grandes são esquartejados e vendidos aos pedaços (est. LVII-B). Quando existe nas proximidades um centro de consumo importante, uma vila ou a cidade da Praia, as mulheres transportam para aí o peixe à cabeça. Com o dinheiro ganho, compram milho, feijão, açúcar, banha de porco e outros artigos para a refeição da noite, a *cachupa*. Entretanto, os homens passam a tarde a descansar, consertando as redes para voltarem no dia seguinte ao mar.

Perto de terra, o anzol na ponta de fio é utilizado para a pesca da garoupa, da bica ou do papagaio; com a rede de saco apanha-se o carapau, o chicharro, a tainha. No mar alto, à linha, pesca-se o atum, muito apreciado pela população da ilha, que o come com a *cachupa*. Nas cavidades das lavas submarinas apanham-se lagostas e, em certas praias desertas, aonde vão desovar as tartarugas, os pescadores recolhem os ovos.

Além desta pesca individual, praticada por uma minoria escassa, com métodos rotineiros, uma empresa utiliza barcos a motor e métodos progressivos para recolher a matéria-prima para uma fábrica de conservas de peixe instalada na Praia. Havia outra unidade fabril no Tarrafal, mas está fechada desde 1961.

Apesar da riqueza piscícola do mar do arquipélago, o Santiagoense nunca foi atraído por essa fonte de recursos, nem mesmo nos anos de escassez de colheitas. O arcaísmo do material empregado está em relação com o das técnicas: o barco, que não raro mete água, é notoriamente pequeno e instável; o peixe permanece horas ao sol, enquanto se pesca; o atum que foge é muito mais numeroso que aquele que se deixa capturar; as redes são frágeis; o consumo de peixe é bastante fraco.

3. Outras actividades

Várias formas de artesanato ainda subsistem na ilha, embora com um interesse diminuto, reduzidas à manufactura doméstica e demasiadamente localizada de certos artigos. Estão neste caso as louças de barro, fabricadas por uma ou duas pessoas por processos semelhantes aos que empregam as populações africanas, isto é, com rolo de barro enrolado à mão; também aqui a cerâmica é uma actividade feminina. A manufactura do pano para os xales está também em grande decadência e são muito raros os teares; na maior parte dos casos, utilizam o fio comprado no comércio, importado da Metrópole, que ainda tingem com urzela. Apenas conseguimos ver um tear em funcionamento, de um tecelão da Volta do Monte, na base do monte Jagau; mas é um tear fixo, com influência nitidamente europeia, embora o artesão nunca tivesse estado em Portugal e declarasse tê-lo construído por suas próprias mãos, sem ter visto qualquer modelo. Nos mercados ainda aparecem chapéus de palha e tabaqueiras de madeira com incrustações metálicas, para o *cancan* (rapé), feitos na ilha. Em alguns pontos, como na Achada Leite, fabricam-se esteiras com os septos das folhas de bananeira. Vimos um desses teares primitivos; a matriz é constituída por um tronco limpo de bananeira com cerca de 1,20 m de comprimento, amarrado entre dois coqueiros próximos. Na sua superfície estavam escavados 18 sulcos, que marcavam os intervalos de passagem dos fios para a costura, mantidos esticados por pedras amarradas nas respectivas extremidades. A posição destas era mudada à medida que o artífice laçava com os fios os septos previamente molhados, fazendo